

Tempus & Modus

ABRIL/ JUNHO

2008

岁月百态



EPM em FESTA



Tempus & Modus
faz dez anos



Viagens de
Finalistas

Prémios de
Declamação

Editorial

E faltam-me palavras para dizer

Com este editorial fechamos um ciclo de dez anos: uma década de escola, uma década de publicações do *Tempus & Modus*, uma década de vivências neste espaço que se tornou nossa casa.

Em Abril deste ano, a EPM cumpria dez anos de vida, e a escola entrava no reboleço habitual que os festejos exigiam. Na sala 119, escolhiam-se, entre milhares de fotografias, aquelas que iriam figurar em cartazes de uma exposição comemorativa destes dez anos de vida e, ao sabor das memórias, revíamos rostos que, hoje no secundário, eram ainda os de crianças pequenas e despreocupadas na infância que ficara para trás no tempo. Pequenos momentos kodak registados para que o futuro nunca esqueça o seu passado. Olhos ávidos de se reencontrarem procuravam o seu rosto e descobriam-se nas suas existências de escola, passadas e quase já esquecidas.

Na tela, organizava-se um filme de memórias, rostos da nossa história como instituição, desde o lançamento da primeira pedra, ao presente de nossos dias, aos anos e anos de actividades, de iniciativas, de festas, de visitas, de encontros, de acontecimentos que nos foram construindo e fazendo o que hoje nos orgulhamos de ser.

No teclado, escreviam-se os textos, inventavam-se os títulos, escolhiam-se as cores de um livro que havia de guardar para o amanhã os muitos hoje por que *passámos*, e *Ao Sabor das Memórias* era editado como publicação comemorativa de dez anos de vivências na Escola Portuguesa.

Na mágica noite do dia sete de Junho, o Centro Cultural de Macau enchia-se para o serão, a grande festa da nossa comunidade, levando ao palco quase todos os alunos da escola, numa noite em que se reviveu o passado e se caprichou o presente. Dança, poesia, música, e muita energia, dedicação e amor, na noite em que juntos provámos o sentido da palavra união e encontro.

Escola de sonhos, o terceiro período decorria entre ensaios, desenhos de figurinos, selecções musicais, horas de almoço, entre um chá de limão e uma sanduíche rápida, a treinar no palco, escrita de guiões, produção de imagens e convites, noites longas e mal dormidas que a vontade de fazer o melhor nos roubava o descanso, e tudo para que o sonho se cumprisse. E depois, ele acontecia, e tudo valera a pena.

Dez anos, o fim de um ciclo e o início de outro, que se espera melhor e ainda mais amadurecido. Na redacção, missão cumprida, nesta trigésima edição do *Tempus & Modus*. Assinamos com o orgulho de um projecto em que sempre acreditaram, e em que nós aprendemos a acreditar. Para a nossa repórter fotográfica que parte, a Beatriz Machado, um até sempre. Para vocês, que nos lêem, quiçá, até ao próximo ano.

E porque foram tantas, tantas, as coisas, sinto... *faltam-me palavras para dizer*.

Parabéns, Escola! ✨



Teresa Matos Sequeira

Tempus & Modus

Jornal da Escola Portuguesa de Macau

Ano X
Edição 30

DIRECTORA

Maria Edith da Silva

CHEFE DE REDACÇÃO

Teresa Matos Sequeira

CONCEPÇÃO GRÁFICA

José Matos Sequeira

REDACÇÃO

Ana Duarte
Beatriz Machado
Cíntia Chen
Daniela Guerreiro
Inês Santos
Joana Santos
Mafalda Gouveia
Natacha Barreto
Tiago Terra

COLABORADORES

Alunos da escola

TIRAGEM

1000 Exemplares

WEBSITE

www.epmacau.edu.mo

EMAIL

jtm@epmacau.edu.mo

Heróis da História

No dia 10 de Março, todos os alunos do 9º ano, assim como os do 6º ano B, estiveram presentes numa conversa informal com uma professora da Universidade de Macau, Filipa Delgado Lourenço, neta do General Humberto Delgado, herói da luta contra o regime salazarista.

Filipa Delgado confessou-nos não ter conhecido o avô, apesar de lhe terem contado muitas histórias sobre ele.

Humberto Delgado teve uma carreira militar ligada à aviação. Fazia parte do governo, sendo amigo pessoal de Salazar, mas estava constantemente em viagem. Foi nesse período que se apercebeu dos regimes democráticos dos outros países, começando a sonhar com políticas democráticas.

Arriscando a vida e deitando a perder todo o luxo que o seu estatuto lhe proporcionava, concorreu às eleições presidenciais contra o candidato proposto por Salazar. Foi considerado o “General Sem Medo” ao afirmar, relativamente a Salazar, caso formasse governo, “obviamente, demito-o”.

Nestas eleições, que não reuniram as necessárias condições democráticas, o General perdeu. Em consequência do seu envolvimento político na oposição ao regime, sofreu represálias: foi demitido dos seus cargos, foi perseguido pela PIDE e, mais tarde, obrigado ao exílio.

Depois de percorrer vários países em busca de apoiantes, foi vítima de uma cilada da PIDE, em Badajoz, às portas do país que queria ver democratizado.

A par da sua carreira política, o “General Sem Medo” foi responsável pela criação da companhia de bandeira portuguesa, a TAP.

Orgulhosa de um avô lutador, Filipa Delgado Lourenço deixou-nos o testemunho de um herói da oposição, que perdeu tudo em prol da liberdade. ✨

Inês Santos (T&M)



Parlamento dos Jovens A Saga continua...



Dia 28 de Abril dava-se início à Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens do ano 2008 subordinada ao tema "União Europeia: Participação, Desafios e Oportunidades", que teve lugar em Lisboa, com uma reunião das Comissões, para debater as medidas propostas por cada círculo eleitoral, que seriam depois apresentadas e defendidas no dia seguinte, dia 29, no Plenário.

Estes dois dias de sessões foram o culminar de um trabalho iniciado muitos meses antes, num esforço que juntou 44896 alunos, que votaram nos alunos (cerca de 6360 que integraram as listas eleitorais) e dos quais resultaram os cento e vinte jovens deputados que se encontraram na Assembleia da República.

O círculo eleitoral "Fora da Europa", ou seja, a Escola

Portuguesa de Macau, representada pelos alunos Catarina Machado Ferreira e Diogo Simões Marques da Silva, ambos do 12º ano de escolaridade, fez parte da Primeira Comissão, juntamente com os círculos de Beja, Coimbra, Setúbal e Viseu, num total de trinta deputados; foram devidamente discutidas as várias medidas que cada círculo elaborou a propósito do tema previsto.

O resultado destas reuniões foi a Recomendação à Assembleia da República, composta por dezoito medidas finais e fruto da votação dos deputados.

Pessoalmente foi uma experiência extremamente gratificante que nos permitiu um contacto maior com o sistema democrático, além de ter permitido um reforçar da nossa consciencialização política, social e cultural a nível português e europeu. ✨

Eu sozinho não posso mudar o mundo, mas todos juntos, vamos conseguir



Sete da tarde, dezanove de Maio, algures no terminal de Jet Foil. Entre um atraso e outro, entre o check-in e as despedidas, eu, o Tomás Mota e o professor Henrique Caetano, embarcávamos no Jet Foil das oito e um quarto, em direcção ao aeroporto de Hong Kong. Quando lá chegámos, fizemos o check-in para os voos, fomos jantar e seguimos para o avião, para Londres. Devido a um erro qualquer, não pudemos ficar todos juntos, tínhamos dois lugares juntos e um separado, tendo então o “stôr” ido para o lugar separado.

Entre conversas, comida de avião, filmes, música e tentativas de dormir, doze horas depois chegávamos a Londres. Aí, aproveitámos para comer qualquer coisa, demos uma volta e fomos para o avião que nos iria transportar até Lisboa. Mais uma vez os lugares eram separados. Eu e o Tomás aproveitámos este voo para trabalharmos, prepararmos melhor a apresentação das medidas e os argumentos de discordância das medidas dos outros. Duas horas mais tarde, aterrávamos em Portugal. Era um Sábado de manhã, e a reunião das comissões era apenas na segunda-feira à tarde. Depois de entregues às famílias, cada um seguiu o seu caminho. O resto de Sábado foi essencialmente aproveitado para ver a família e dormir. No Domingo, enquanto um via os tios, a outra aproveitava para ver a melhor amiga e recuperar o tempo perdido.

Na segunda-feira, à uma da tarde, reuníamo-nos à porta do Parlamento.

A nossa comissão era a quarta. O deputado que conduziu a sessão, Ribeiro Cristóvão, reservou-nos um cumprimento especial, já que vínhamos de tão longe para participar no Parlamento. Após a apresentação das medidas e o “esclarecimentos de dúvidas” (que poderiam bem chamar-se ataques às medidas dos outros, mas pronto...), votámos o melhor projecto de recomendação. O nosso projecto ficou bem colocado, com 11 votos (nós éramos apenas dois, e o projecto vencedor, com quinze votos, tinha 14 deputados...). Depois, votámos no porta-voz, que iria falar no dia seguinte.

Após a sessão ter sido terminada, demos uma visita rápida à sala do Plenário e fomos lanchar. Aí fizemos alguns amigos. E, *believe it or not*, perguntaram-nos se nós aqui em Macau sabíamos o que é o YouTube. (Aaaa... pois...).

No dia seguinte, tínhamos de estar às nove e meia no mesmo local. À nossa frente tínhamos a sessão nacional, onde seria finalmente decidido o projecto de recomendação à Assembleia da República. A sessão começou às dez e um quarto e começou pela apresentação das perguntas aos deputados, votadas nas comissões. Eram seis deputados, cada um de seu partido. Após as respostas terem sido dadas, começámos a votar as medidas para o projecto. Votámos ainda as propostas que queríamos anular do projecto, dando as respectivas justificações para tal.

Após cerca de duas horas, tínhamos, finalmente, o projecto que ia ser apresentado à AR.

O deputado Ribeiro Cristóvão deu então a palavra ao porta-voz de cada círculo para que quem quisesse agradecer ou fazer qualquer último comentário, ter assim a oportunidade de o fazer.

Depois de terminada a sessão nacional, fomos almoçar no jardim do palácio, onde aproveitámos para recolher os e-mails daqueles que tínhamos conhecido, trocar os últimos dois dedos de conversa, tirar as derradeiras fotografias e dizer os últimos “adeus”. Após tudo isso feito, saímos do parlamento, andámos até ao metro e fomos até ao Colombo.

Depois da passagem quase obrigatória pela FNAC, demos umas voltas, e depois cada um foi fazer o que precisava. Só nos voltaríamos a encontrar quinta-feira, às nove da manhã, no aeroporto.

Pessoalmente, acho que foi uma experiência fantástica. A participação no Parlamento fez-nos perceber o que é estar na pele de um político, tentando expor as nossas ideias, ter os nervos à flor da pele, sentir a raiva quando, de alguma forma, nos “atacam” as nossas ideias”, e por fim, conseguir dar o braço a torcer, entender que não são só as nossas ideias as certas, e que se juntarmos as melhores medidas, conseguiremos alcançar o objectivo comum que ali ou em qualquer lugar e tempo temos e defendemos. ✨

Shenzheng, aí vou eu!

finalistas

Tudo começou no dia 24 de Abril de 2008. De manhã, estávamos todos excitados, porque era a nossa primeira viagem fora de Macau, sem estarmos acompanhados pelos pais.

Entrámos no autocarro pelas oito horas e dirigimo-nos para a fronteira. Depois de a atravessarmos, entrámos, de novo, no autocarro e preparámo-nos para fazermos uma longa viagem que demorou cerca de três horas e meia.

Quando, finalmente, chegámos a Shenzhen, fomos almoçar a um restaurante chinês. De seguida, visitámos o parque temático Window of the World, onde nos divertimos muito. Como não conhecíamos o parque, demos uma volta de mono-carril. Vimos as Cataratas do Niágara, o Grande Canyon, o Rio Nilo... De repente, ouvimos o som de uma vaca, mas passado um bocado reparámos que era um dinossauro. Estivemos numa espécie de montanha russa onde nos sentávamos nuns carrinhos. Ora entrávamos numa gruta escura com vapor de água, ora subíamos por uns caminhos estreitos ao ar livre e caíamos das cataratas: no fim da queda, um jacto de água apontava para as nossas caras.

E assim nos divertimos até às seis da tarde, hora a que o jantar nos esperava.

A seguir, assistimos ao “Night Parade Show” e voltámos para o hotel, estávamos cansados e com sono.

Às 9:15 chegámos ao hotel The Best Western Shenzhen Felicity Hotel. Fizemos o check-in e fomos para o quarto, onde telefonámos aos nossos pais. Passámos parte da noite a contar histórias. Rimos tanto que até chorámos.

No dia seguinte partimos para outro parque, o *Spendid China and Folk Cultural Villages* onde pudemos apreciar monumentos da China, em miniatura, tendo a possibilidade de contactar mais de perto com a cultura chinesa, o que foi muito interessante.

Comprámos lembranças nas lojas e finalmente regressámos a Macau. A viagem durou quatro horas e passámo-la a ver filmes, a falar e a brincar. Foi uma viagem muito educativa. ✨

Cátia Poon, Sofia Torrado, Joana Cernadas,
Susana Couto, Vera Mesquita (6º B)



viagem inesquecível



Vinte e cinco de Abril de 2008, dia da liberdade, uma data perfeita para um fim-de-semana prolongado, a assinalar a nossa passagem do ensino básico para o secundário.

Sete e quarenta da manhã do grande dia. Os gritos estridentes soavam no átrio de entrada da escola, ecoando pelos corredores vazios. Para trás, já estavam há muito os conselhos dos pais, o tão habitual “portate bem”.

Éramos ao todo trinta e sete. Conosco iam os professores (que tinham a difícil tarefa de nos aturar) Jorge Senna Fernandes (Director de Turma do 9ºA), Ana Alves e Laurinda Coimbra. O Director de Turma do 9ºB, Henrique Caetano, não pôde acompanhar-nos por motivos pessoais.

A visita, subsidiada pela DSEJ, ao contrário da dos anos anteriores, tinha como local Cantão, em vez de Shenzhen. Como já referi anteriormente, este é o último ano em que estamos juntos, como turma, dado que para o ano cada um terá de escolher a sua área, e como é óbvio, não vamos todos escolher a mesma. Cada um seguirá o seu caminho e todos queremos levar boas memórias das turmas que fomos e que ainda somos hoje, porque esta se tornou a nossa segunda família, com o tempo. Para alguns este é o último ano na EPM, sendo portanto esta a última viagem que fizemos todos juntos.

Nove da manhã. Após alguma confusão nas caixas automáticas dos BIR's, passámos para a China. Entrámos no autocarro e partimos em direcção a Panyu, onde ficaríamos instalados.

A viagem não foi muito animada, dado que estávamos todos muito cansados devido às horas a que acordámos e à excitação que não nos havia deixado dormir no dia anterior.

Após duas horas de viagem, parámos para almoçar, e depois voltámo-nos a meter no autocarro para seguirmos para o *Nasha Science Museum*, onde pudemos fazer várias experiências muito interessantes. Acabámos as visitas com o *Memorial Hall* do Dr. Sun Yat-Sen, onde tirámos uma fotografia de grupo. Fomos jantar e levaram-nos até ao Hotel, onde, no *lobby*, cantámos os parabéns ao Gil. Entregaram-nos as chaves do quarto, pousámos as coisas e cada um fez o que lhe apeteceu.

No segundo dia, o morning call foi às oito e meia da manhã, para estarmos às nove no buffet do hotel. Após o pequeno almoço, dirigimo-nos ao Chimelong Paradise, o parque onde estivemos todo o dia. Aí, tínhamos todo o tipo de divertimentos, desde montanhas russas enormes a barcos de onde saíamos encharcados e tantas outras coisas que nos proporcionaram horas e horas de diversão! Após o jantar, já fora do parque, fomos para o hotel e no lobby, cantámos os parabéns à Vera. Depois cada um foi para os seus quartos e invadimos o quarto da Gabriela e cantámos-lhe os parabéns (é muito aniversário junto...).

No dia seguinte, depois do check-out feito, visitámos o Safari, onde vimos imensas espécies de animais e pudemos comprovar muitas das nossas aprendizagens em Ciências. Aí ainda nos atrasámos mais, dado que a certa altura nos deparámos com a

ausência de quatro colegas nossos. Quando finalmente estávamos todos, dirigimo-nos para a saída do parque, onde numa loja comprámos souvenirs e depois fomos almoçar, num restaurante chinês. Aí, já se ouviam o “eu não quero ir embora, eu quero ficar aqui, ainda agora chegámos!” e lá regressámos a Macau.

Os meus colegas iam dizendo que os dias passaram muito depressa, que o tempo era injusto e que passava demasiado a correr, que não se queriam ir embora. Chegámos à escola às sete e vinte, e as lamentações ouviam-se da parte de todos.

Pessoalmente, acho que a viagem foi uma experiência completamente diferente, que não só nos proporcionou um nível elevadíssimo de conhecimento da região de Cantão como também nos uniu. Tivemos tempo para nos conhecermos melhor e divertirmo-nos juntos, tornando tudo tão fantástico e impossibilitando-nos de dizer a palavra “adeus” e afastarmo-nos da porta da nossa escola, daquela porta de onde partimos para a melhor viagem da nossa vida escolar. Foi sem dúvida a melhor aventura em que embarcámos juntos e não há palavras que descrevam. Foi completamente diferente das nossas expectativas, mas foi, sem dúvida, perfeita.

Não podemos deixar de fechar esta reportagem com um imenso obrigado à DSEJ que patrocinou inteiramente esta nossa viagem cultural na China. ✨

Joana Santos (T&M)



Finalistas do 12º ano em Koh Samui finalmente, Tailândia



As férias com que todos os finalistas sonhavam chegaram com a Páscoa.

Dia 18 de Março, lá fomos chegando ao aeroporto, para apanhar o voo para Bangkok e depois outro voo para Koh Samui. Ao todo éramos 33 alunos, mais os dois professores que nos acompanharam - a "stôra" Cátia Silva e o "stôr" Ricardo Franco.

Apanhámos os voos cheios de entusiasmo! Chegámos a Koh Samui pelas 15h, num dia solarengo e agradável, o que contrariava as previsões de tempestade e chuva forte. Muito aliviados com o estado de tempo, fomos para o hotel, e a primeira coisa que fizemos foi dar um mergulho no mar e na piscina.

Foram doze dias e noites muito animados (divididos por dois hotéis, o Chaweng Cove Resotel e o The Island Resort & Spa) – entre as chamadas de manhã e antes do jantar (para os professores verificarem se não faltava ninguém

e se estava tudo em ordem) passávamos o tempo na piscina, na praia e a explorar as multiplas facetas desta ilha: templos, geologia e flora local.

Quanto a restaurantes e gastronomia, uma parte essencial da nossa viagem, seguimos uma norma que diz – na Tailândia, come comida tailandesa! Quem não foi ao "Ninja"? Os seus crepes e massa tailandesa punham-nos à espera de mesa durante algum tempo, porque o restaurante estava quase sempre cheio. A fruta fresca vendida na rua, os "spring rolls" e o "pineapple fried rice" eram das iguarias mais pedidas.

Outro momento que é preciso relembrar é o jantar de despedida que fizemos no resort do "Ninja", na praia de Lamai. Fomos até lá (ainda demorámos uns 20 minutos), e pelo caminho fomos visitar umas formações rochosas nessa praia, que constituem um dos pontos turísticos de interesse geográfico de Koh Samui.

Dia 30 de Março, cansados e tristes por vir embora (com algumas excepções), fizemos o percurso de vinda para Macau. Foram umas férias bem aproveitadas, cheias de peripécias e histórias engraçadas, vividas até ao último minuto, a não esquecer! As fotos tiradas também não foram poucas, mas nada é demais para recordar os melhores momentos do nosso 12º ano!

Aproveito para agradecer, em nome dos finalistas, à DSEJ, BCM e Henry Fok pelo subsídio concedido para a viagem, à Escola pelo apoio prestado e transmitir um "Muito Obrigado" aos dois professores que vieram connosco e passaram as suas férias do nosso lado – foi muito interessante e não nos iremos esquecer tão cedo da sua importante companhia! ✨

Ana Trigo, Vice-Presidente da Comissão de Finalistas

finalistas



Para um recém-chegado a estas latitudes e em especial à EPM, foi uma grande satisfação partilhar a viagem de finalistas com um grupo tão energético e especial.

Celebração e festejo do fim de uma etapa são as primeiras noções que uma viagem com estas características pode transmitir. Na nossa passou-se algo mais. Entrega, partilha e envolvimento com uma cultura não distante, mas em muitos aspectos diferentes.

Com uma fauna e flora que rende a visão ao mais viajado dos aventureiros, a Tailândia e em especial a ilha mágica de Koh Samui, foram o palco ideal para, durante duas semanas, alunos e professores da EPM experimentarem e conhecerem sabores, paisagens, gentes e costumes.

Uma hospitalidade sem limites, expressa nos sorrisos constantes dos nossos anfitriões, proporcionou-nos à vontade para, mesmo longe, nos sentirmos em casa. Muito em casa!

Mas foi no desbravar das diferenças que enriquecemos e ainda hoje valorizamos a viagem até Koh Samui.

Sendo a religião dominante o Budismo, com facilidade nos cruzávamos com templos e rituais religiosos dignos de não dar descanso a máquinas fotográficas e de filmar. Localizada numa zona climática tropical, a imponência da sua floresta, a diversidade de animais e plantas, uma cascata ali, uma praia fantástica acolá, eram motivo de conversa e troca de ideias, muitas delas estudadas e aprendidas na escola que viu muitos daqueles, agora finalistas, crescer.

Uma das notas que considero mais positiva foi a estreita relação entre finalistas e professores acompanhantes. Boas e longas conversas. Temas, dúvidas, reflexões e pensamentos que de parte a parte foram surgindo e, mesclados com os aromas Thais, foram edificando um forte espírito de grupo.

Novos laços se criaram, outros se fortaleceram. Não foi uma viagem. Foi a viagem.

Na despedida, já na saudade, professores e alunos classificaram com um excelente+, a experiência.

Khawp khun khrap (obrigado) Tailândia! ✨

Ricardo Franco
(professor acompanhante do grupo de finalistas)

Gala

*Não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada,
à parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo (Pessoa)*

Mais um ano chegou ao fim. Para muitos, este foi apenas mais um porque voltarão a estar entre nós em Setembro. Para outros, nomeadamente os finalistas de 2007/2008, este foi o último na EPM. Esses sentem um misto de felicidade por terem acabado esta etapa das suas vidas, mas tristeza por deixar tudo isto para trás (Macau, a escola, os amigos, os professores...).

Houve quem não se importasse de deixar o seu testemunho... O professor de Ciências, Manuel Machado, afirmava "É sempre extremamente agradável trabalhar com quaisquer alunos, mas com este grupo há uma proximidade muito grande, pois trabalho com eles desde o 7º ano. Sinto uma grande felicidade por os ver acabar o secundário e ir para a universidade, mas tristeza por os ver partir. Existe uma relação mais próxima do que a de professor aluno, penso que de amizade, sinto uma grande empatia por eles. Foi um prazer trabalhar com estes finalistas!". Assim como os professores, os alunos também sentem alguma tristeza. O finalista João Santos confidenciou: "Estou nesta escola desde o 4º ano, já lá vão oito anos, e nunca saí daqui. Vai ser muito difícil deixar a EPM. Enquanto estamos lá pomos defeitos e criticamos a escola em si, mas esta vai ficar sempre marcada na minha vida e vou lembrar-me de episódios que aqui aconteceram. Vai custar muito, assim como deixar Macau (que deixa sempre uma marca, apesar de o negarmos), amigos, professores... É emocionante sair desta escola ao fim de tanto tempo e há pessoas que nunca mais voltaremos a ver, e isso deixa tristeza e saudade. A EPM estará sempre no nosso coração!". Para Inês Costa "O lado positivo de Macau é a escola, o seu ambiente, os amigos e professores. É muito difícil arranjar os amigos e professores que aqui encontrámos. Vou sentir muita falta da escola." Apesar de haver muitas saudades, também é preciso ser optimista e ter consciência de que se parte para outra etapa, que pode ser melhor... tal como diz Alexandre Ziolkowski "Vou ter saudades dos amigos, mas estou muito contente por ir realizar o meu sonho: entrar no mundo da música" e Diogo Silva "É uma sensação de tristeza e felicidade por ter acabado. É um bocado difícil explicar. Felicidade por ter ultrapassado uma fase e tristeza por ter de deixar tudo isto para trás."

Para os pais este é um ano que, tal como para os filhos, vai ser muito diferente, um ano de muitas mudanças. Filomena Pedro, mãe de um dos finalistas diz que "Por um lado é de alívio porque acabou uma etapa em que temos de andar atrás deles e eles entram noutra fase mais responsável. Mas também é uma sensação de tristeza, de missão cumprida. Foi bom o percurso na escola, tivemos oportunidade de experimentar outras escolas, nomeadamente em Portugal, e aqui os alunos são mais acompanhados."

Na noite de gala, que teve lugar na Doca dos Pescadores, no dia 31 de Maio, foram lembrados muitos momentos. Houve risos, gargalhadas, mas também olhares tristes e lágrimas.

Os finalistas foram aparecendo entre as seis da tarde e as oito, todos vestidos a rigor. Eles de fato e gravata, elas com vestidos deslumbrantes. Depois do jantar seguiu-se o sorteio e a entrega dos prémios. Antes de começar a música, os finalistas mostraram um pequeno vídeo. Por volta das 9:45 a Banda da Escola começou a tocar, com a participação especial do nosso grande amigo João Caetano. A música contagiou a plateia e muitos cantaram e dançaram. Chegou, então, a altura de apresentar o vídeo com as recordações (filmagens e fotografias) do último ano na nossa escola. Recordações que ficarão para sempre gravadas na memória dos finalistas.

A gala terminou oficialmente por volta das onze, com algumas palavras do Presidente da Comissão, Diogo Silva, mas a festa prolongou-se para mais uma banda tocar e divertir quem ainda estava presente. ✨

finalistas



Macau Só Vídeo



Às 6 horas de dia 9 de Maio, no auditório, perante uma casa cheia de pais, colegas, professores e convidados, seria apresentado um projecto pioneiro, tornado real pelo trabalho e cooperação entre as duas turmas do 7º ano. Para o décimo aniversário da escola, os alunos do 7º decidiram produzir um filme. O filme "leva-nos" por Macau inteiro, descrevendo os monumentos históricos e suas características em Português e em Inglês, sendo a introdução do filme apresentada, também, em Mandarim.

O vídeo, realizado entre Setembro e Abril, foi o resultado de um projecto de ensino criativo, subsidiado pela DSEJ, e que se desenvolveu nas aulas de Área de Integração, contando com o apoio do professor de Informática da turma, que tratou a imagem e fez a edição em vídeo.

O documentário vai agora ser enviado para outras escolas do mundo lusófono, como a EPM, Escola Portuguesa de Moçambique, a Escola de Timor, e outras.

Há que dizer que é um filme muito bem produzido, com uma qualidade de imagem e efeitos de filmagem espectaculares. Para aqueles que não conhecem bem Macau, é um filme muito íntegro, cuja informação faz uma pessoa conhecer melhor o território. ✨

Tiago Terra (T&M)

Visitas de Lisboa



O Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Dr. João Gomes Cravinho, visitou a Escola Portuguesa em 28 de Maio último, acompanhado pelo Sr. Embaixador Pedro Moitinho de Almeida. Após a visita às instalações, o Secretário de Estado deixava uma mensagem no Livro de Honra da EPM, que transcrevemos:

Os meus votos de parabéns

Por altura do décimo aniversário da Escola Portuguesa de Macau, poderiam estas palavras parecer uma formalidade. Antes pelo contrário: trata-se do reconhecimento, profundamente sentido, do grande trabalho aqui feito em prol da língua e cultura portuguesa.

Em nome do Governo de Portugal, e em meu nome pessoal, deixo aqui este testemunho de agradecimento. E de compromisso face ao futuro da Escola Portuguesa de Macau.

João Gomes Cravinho, 28 de Maio de 2008

(T&M)

Poetry Idol: versão inter-escolar

No primeiro fim-de-semana de Maio (3 e 4 de Maio), ouviram-se as vozes dos alunos a declamarem poemas de poetas famosos, portugueses, ingleses e chineses, havendo também alguns casos de declamação de prosa poética. A sessão decorreu na escola Hou Kong durante dois dias inteiros. Este concurso foi organizado pela Associação de Educação de Macau e, além da nossa escola, várias outras participaram neste evento.

Na sessão da poesia em Português foram declamados poemas de António Gedeão, Maria Alberta Meneses, José Régio, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, entre outros. Quanto à poesia inglesa, os alunos trouxeram poemas e excertos de prosa poética de Roald Dahl, Emily Brontë, Edgar Allen Poe, e outros, incluindo poetas desconhecidos. Alguns alunos declamaram, também, e com sucesso, em Mandarim.

Os alunos da nossa escola ganharam inúmeros prémios. Na sessão da poesia em Mandarim temos o Duarte Silva, do primeiro ciclo, que ficou como 2º classificado juntamente com Guido Croce, do segundo ciclo.

Na sessão da poesia em Inglês destacam-se, do primeiro ciclo, Afonso Biscaia e Catarina Martins, ambos contemplados com o 2º lugar; do segundo ciclo, Ana Paula Correia que ganhou o 1º lugar e Marta Simões que ficou em 2º; do terceiro ciclo, a Joana Santos foi premiada com o 2º lugar; do secundário, a Natacha Barreto e o Frederico Santos ganharam o 1º e 2º lugares, respectivamente.

Na sessão da poesia portuguesa, do primeiro ciclo foram premiados a aluna Maria Francisca Morão com o 1º lugar; do segundo ciclo a Sofia Furtado e a Carolina Tam, ambas contempladas com a Menção de Excelência e 1º lugar respectivamente; do terceiro ciclo destacam-se a Filipa Furtado e a Inês Santos que arrecadaram a Menção de Excelência e 1º lugar respectivamente; e do secundário a Ana Isabel Duarte e Daniela Guerreiro ganharam, ambas, Menções de Excelência.

Para concluir, foi uma sessão interessante e temos todos que dar uma grande salva de palmas e os parabéns aos alunos vencedores e participantes. ✨



Daniela Guerreiro, Natacha Barreto (T&M)

O Dia da Rádio



Nove de Junho, sete da manhã, e já a Rádio Macau se instalava na Biblioteca, junto à Sala do Infante D. Henrique. A chegada dos alunos à escola era então uma surpresa: os jornalistas Gilberto Lopes e Jorge Vale iam fazendo perguntas a quem entrava pela EPM dentro, para mais um dia, desta vez cheio de música e entrevistas. Em directo, claro!

A Rádio Macau emitia, durante todo o dia 9, o seu programa especial dedicado aos dez anos da EPM, aproveitando a oportunidade para ir dando dois dedos de conversa, ou três, com alunos e professores da nossa escola. Tudo em directo (e, de passagem,

diga-se que fazer um directo é bem mais assustador do que possam imaginar!) e sem direito a errar.

Quando nos aconteceu sermos entrevistados, nós, redacção do T&M, aproveitámos para virar o feitiço contra o feiticeiro e tratámos de entrevistar os entrevistadores. Gilberto Lopes dizia-nos então que a ideia da vinda da Rádio à escola, no âmbito das comemorações da primeira década desta, fora uma forma (na nossa opinião, uma ideia muito feliz) de levar a escola à comunidade, levá-la mais perto dos pais, que desta maneira poderiam ir escutando, e entendendo, o que são, afinal, as vivências na EPM, que vive este ano a sua grande festa.

Para o jornalista Jorge Vale esta foi uma oportunidade de sair da “toca” (a Rádio Macau, entenda-se) e estreitar uma relação mais próxima com a escola. O convite ia ficando “no ar” para que no futuro se pensasse numa relação mais frequente entre a Rádio e o Clube de Jornalismo. Quem sabe, é já no próximo ano?

Ao longo do dia muitas foram as vezes que passaram pelo estúdio improvisado: alunos, professores e até a presidente da escola, a Dra. Edith da Silva, deixavam o seu contributo, neste dia em que nós fomos o tema da Rádio. ✨

(T&M)



10 de Junho "Um Portugal Macaense"



Tal como todos os anos, no passado dia 10 de Junho deu-se a comemoração do dia de Portugal, Camões e das Comunidades portuguesas.

A romagem à gruta de Camões, pelas dez e meia da manhã, não deixou de ser concorrida, tendo tido como participantes alunos de diversas escolas, incluindo claro muitos alunos da EPM. Personalidades carismáticas de Macau também lá se reuniam, juntamente com professores e cidadãos que nos deram o prazer da sua companhia neste importante evento.

Dançou-se, declamou-se e homenageou-se, tudo numa bela mistura, que preencheu esta manhã de festejo.

O calor apertou, felizmente substituindo a famosa chuva de 10 de Junho, mas ninguém desanimou, pois os sorrisos espalhavam-se por todos.

Um dia bem conseguido, tal como esperado. Mais um dia de Portugal em Macau "à boa maneira portuguesa". ✨



EXPO 08 – DEZ ANOS DE VIVÊNCIAS



A EPM celebrou, em 18 de Abril deste ano, a sua primeira década de vida. Para comemorar este aniversário a escola preparou um conjunto de iniciativas, de que se destacariam uma grande festa, que ocorreu no dia 7 de Junho, e uma exposição e um livro de memórias destes dez anos de vida, estes últimos da responsabilidade dos professores Pedro Xavier, Teresa Matos Sequeira, Jorge Senna Fernandes e José Matos Sequeira.

A exposição, intitulada *Dez Anos de Vivências*, foi inaugurada no passado dia nove de Junho, pelas cinco horas da tarde, sendo descerrada por ilustres convidados, nomeadamente o Dr. Chui Sai On (Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura); o Embaixador Moitinho de Almeida; o Director da

DSEJ, o Dr. Sou Chio Fai; o Dr. Alexis Tam (Chefe de Gabinete do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura); o Dr. Oliveira Rodrigues (Primeiro Vice-Presidente da Fundação Escola Portuguesa de Macau); o Dr. Rui Rocha (Segundo Vice-Presidente da Fundação Escola Portuguesa de Macau); o Dr. Sales Marques (Administrador da Fundação Escola Portuguesa de Macau) e o Engenheiro Oliveira Paulo (Presidente da APEP). Os jovens do Clube de Jornalismo serviam de cicerone, acompanhando os convidados na visita à exposição.

A mostra consiste de várias fotografias que marcam momentos vividos ao longo desta década memorável, lembrando as festas da escola, o PAL (Programa de Aperfeiçoamento Linguístico), os Dias

do Mandarim, do Inglês, do Francês, as inúmeras actividades extracurriculares, visitas de estudo, viagens e festas de finalistas, antigos professores, eventos da comunidade portuguesa, workshops, antigas exposições, entre tantos outros.

O painel com maior destaque, e aquele que mais tem atraído a atenção dos visitantes, é a fotografia onde podemos ver todos os funcionários, alunos, professores e membros da Direcção, assim como a lista com os respectivos nomes.

Contámos com a presença de diversos convidados de honra, entre os quais se encontravam muitas chefias, dirigentes de associações e directores de escolas de Macau. Além destes, muitos dos professores da escola e alguns alunos estiveram presentes neste dia. A

PARABÉNS, EPM



todos foi entregue um conjunto comemorativo do aniversário da Escola: o livro *Ao Sabor das Memórias – Dez Anos de Vivências na EPM*; um prato concebido pela professora Marinela Ferreira, em que se exibem dois símbolos do abraço entre Portugal e a China – a Nau e o Dragão; uma caneta; um pin e um conjunto de marcadores em papel com os logos comemorativos do décimo aniversário da Escola, executados por alunos do nono ano.

Antes do descerramento da mostra, o Dr. José Manuel de Oliveira Rodrigues proferiu um discurso de que reproduzimos excertos. “Celebramos hoje o 10º Aniversário da criação da Escola Portuguesa de Macau. Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os que trabalham nesta

Instituição, especialmente ao corpo docente, que com sacrifício, saber e competência contribuíram para o prestígio desta Escola. (...)”

Não posso deixar de manifestar uma palavra de reconhecimento e apreço ao Conselho da Direcção da Escola Portuguesa de Macau que com sacrifício e inteligência soube cumprir as orientações emanadas pela Fundação da EPM. (...)”

O acordo de cooperação entre o Governo da RAEM e a Fundação da Escola Portuguesa, que vai ser celebrado em breve, será o primeiro grande acontecimento que se espera ser coroado de êxito. (...) Com isso esperamos iniciar um novo ciclo de oferta diversificada da nossa escola que, não sendo uma Escola Internacional, é frequentada por alunos de múltiplas nacionalidades. (...)”

E por fim uma saudação especial a todos quantos estudam neste Estabelecimento de Ensino, na esperança de continuarem a ser embaixadores da escola, transmitindo à Sociedade a imagem de excelência daquilo que aprenderam nesta Casa.”

Nesse mesmo dia, foi também lançado o livro, atrás mencionado, seguindo-se um pequeno beberete. E foi entre uma taça de champanhe e uma fatia de bolo de aniversário que a Direcção, membros da Fundação EPM, os professores e alguns amigos da escola (por exemplo, a grande amiga, Dra. Maria Farinha Simões, que conosco viveu nove anos de escola) cantaram “Parabéns, EPM”. ✨

Cíntia Chen e Inês Santos (T&M)

Portugal é isto!



Sábado, sete de Junho, oito da noite. O Grande Auditório do Centro Cultural de Macau enchia-se de pais, encarregados de educação, amigos, alunos, e convidados de honra, para um serão de mais de duas horas e meia que celebraria o Décimo Aniversário da EPM.



Na fila dos convidados de honra figuravam, entre dirigentes de associações, directores de escolas, chefias e técnicos dos Serviços de Educação e Juventude, a Dra. Lei Ka Lai, Directora Substituta da DSEJ, o Sr. Embaixador Pedro Moitinho de Almeida, o Dr. Alexis, Tam Chon Weng, Chefe do Gabinete do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, o Dr. José de Oliveira Rodrigues, 1º Vice-Presidente da Fundação Escola Portuguesa de Macau, o Dr. Rui Rocha, 2º Vice-Presidente da Fundação Escola Portuguesa de Macau, o Dr. José Sales Marques, Administrador da Fundação Escola Portuguesa de Macau e esposa, o Dr. Chan Ka Hou, Chefe de Departamento da Juventude da DSEJ, o Eng.º Oliveira Paulo, Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EPM, a Dra. Amélia António, Presidente da Casa de Portugal em Macau, o Dr. Manuel Gonçalves, Presidente da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Macau e Manuel Ricardo da Silva, Chanceler.

A concepção do espectáculo, os ensaios, a preparação, os figurinos e as idas à modista, a escolha das imagens e das músicas, tudo começara muitos meses antes, nas mentes dos professores cuja imaginação ia concebendo este e aquele momento da festa.

Encontrada a equipa de coordenação, que se encarregaria de movimentar da melhor e mais eficaz maneira as inúmeras peças de um puzzle que incluiria uma mostra de dez anos de vivências na escola, era tempo de deitar mãos à obra: estabelecer o guião, distribuir os momentos da maneira mais equilibrada, coordenar professores de apoio aos bastidores e ao backstage, fazer adereços, desenhar bilhetes, enviar os convites...

E se por um lado se recuperavam para o palco cenas e momentos das festas passadas (recordo, aqui, a coreografia dos Navegantes, ou o brevíssimo excerto de um sketch de teatro escrito em 1999, por uma aluna, intitulado *Macau, um Valor Mais Alto*), por outro, concebiam-se coreografias inteiramente novas e adaptavam-se outras, de maneira a que se acomodassem no palco os cerca de quinhentos alunos participantes.

O resultado seria um espectáculo de muita luz e cor, com momentos de música, pelo Grupo Orff, dança, teatro e poesia em Português, pequenos sketches em Português (lembramos os Giggas) e Inglês, canções em Inglês e em Mandarim, e até um filme sobre a escola, passado no início da festa, revelando na tela os nossos pequenos momentos, o nosso quotidiano, as aulas, o cruzar dos corredores, e esse simples acto de “aprender a ser” numa escola que nos ensinou o seu melhor.

Depois de subir o pano, os mais pequenos do primeiro ciclo entoavam afinados, acompanhados pelo ex aluno da escola, Germano Guilherme, o Hino da EPM, e cantávamos, em silêncio, com eles, juntando-nos ao coro de suas vozes, porque a festa era afinal, de todos nós.

Para que o “mega espectáculo” acontecesse (assim lhe chamaram muitos pais simpáticos), a semana que culminaria com o grande dia corria com todo, ou quase todo, o tempo dedicado à escola, fosse no ensaio, no ginásio da EPM, logo na quarta-feira, ou já no palco do CCM, durante Quinta, Sexta e Sábado de manhã.

Pelas dezoito, hora de chegada dos pequenos grandes artistas, era o frenesim nos camarins, o make up, as camisas que era preciso passar a ferro, o nervosismo, os nervos à flor da pele, a ansiedade dos professores, as últimas instruções, um ou outro “ralhete”, para que tudo pudesse sair perfeito. E, se perfeito o sonhámos, melhor o fizemos, e os nossos alunos, dos mais pequenos de seis anos aos finalistas de dezoito, mostravam-se à altura da exigência que lhes era feita e faziam aquela que foi a maior festa de sempre na história ainda breve da EPM.

De acordo com os alunos participantes, que estavam nos camarins, a festa estava a correr bastante bem e todos estavam confiantes de que fariam ou tinham feito o seu melhor. Outros estavam também nervosos, mas isso já era de esperar (com tantos olhos a observar cada movimento que fazes, cada engano que podes cometer, quem não fica nervoso?). Quando questionados sobre os momentos que mais ansiavam ver, muitos disseram que queriam ver “os mais divertidos” e “as danças”.

No fim da festa, os mestres de cerimónia, Ana Trigo, Cíntia Chen, André Correia e Mathew Li, chamavam ao palco os convidados de honra, para que se unissem à nossa grande celebração.

Findo o espectáculo, sucederam-se os elogios de toda a parte, e se mal fica ser advogado em causa própria, então queiram perdoar-nos. Ângela Pimentel, da Associação de Pais, confidenciava-nos, em três verbos apenas, o seu sentir no pós festa, e passo a citar “vocês surpreenderam-me, emocionaram-me e divertiram-me”; o Presidente da APEP fazia num jornal local o elogio público e um rasgado louvor à escola e ao trabalho dos professores, referindo “o memorável evento (...) resultou nomeadamente do empenho, dedicação e profissionalismo dos docentes da EPM...” e a professora universitária Maria Antónia Espadinha escrevia num artigo “foi a verdadeira festa do 10 de Junho: um encantador espectáculo de juventude, cor e alegria, o trabalho de professores e alunos, a presença de crianças e jovens de um grande número de nacionalidades. Portugal é isto.”

Fechamos este artigo com uma palavra de agradecimento aos pais, pela compreensão durante essas frenéticas semanas de ensaios, aos alunos, pelo profissionalismo e capacidade de entrega que demonstraram em prol de uma causa comum, aos professores que ajudaram a tornar possível este sonho, à Direcção, por nos ter dado a oportunidade de fazer uma festa num espaço como o CCM e finalmente, ao Director da DSEJ pela generosa contribuição para que a festa fosse perfeita.

Estamos todos, pois, de parabéns! ✨

(T&M)





de olho na Tocha

Foi uma grande honra ver passar a Tocha Olímpica, pela primeira vez, em Macau.

No dia 3 de Maio, a Tocha dos Jogos Olímpicos circou, durante três horas e meia, pelas ruas da nossa cidade. Milhares de pessoas saíram à rua para a receber e entre elas estavam alguns estudantes da Escola Portuguesa de Macau que se reuniram, pelas quatro horas, na escola para, todos juntos, assistirem à passagem da tocha.

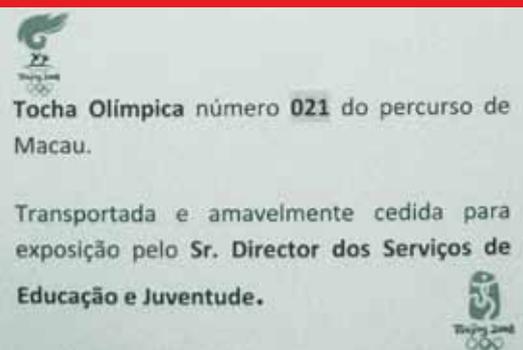
Munidos com bandeiras da RAEM e gritando o nome da nossa escola em Chinês, tivemos a sorte de ver passar a chama olímpica em frente ao Jardim de São Francisco.

Depois, como a caravana olímpica iria passar na Avenida Infante D. Henrique, dirigimo-nos para a escola e fomos assistindo, pela televisão, ao desfile. E foi das janelas da nossa escola que tivemos a oportunidade de, pela segunda vez, voltar a presenciar a passagem da tocha.

Foi uma emoção gigante ver a tocha a passar tão perto de nós, mesmo à nossa frente!

Foi espectacular! Nunca iremos esquecer estes momentos únicos! ✨

Alunos do 4º Ano



Em Maio, esteve patente na Escola Portuguesa de Macau uma exposição alusiva ao escritor simbolista Português, Camilo Pessanha, que aqui trabalhou e escreveu muitos dos seus versos, incluídos na sua obra única *Clepsidra*; este escritor encontra-se sepultado em Macau, no cemitério de S. Miguel Arcanjo.

A exposição esteve a cargo do Instituto Cultural de Macau que proporcionou uma visita guiada pelo Dr. Luís Sá Cunha e pelo Dr. Pedro Barreiros. Nela estiveram presentes as turmas do 11º e 12º B, C e D que foram acompanhadas pelas professoras Alexandra Domingues e Mercedes Marques. ✨

T&M

perspectivas matemáticas

A Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, com apoio da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Macau, organizou um concurso interescolar de Matemática. O seu principal objectivo foi incentivar e aumentar o interesse pela aprendizagem desta disciplina, muitas vezes vista como um “bicho de sete cabeças”.

Neste concurso, os alunos inscritos efectuaram um teste escrito (felizmente em Língua Portuguesa) que viria a ser avaliado pelos organizadores desta competição.

Participaram neste evento vinte e oito alunos da nossa Escola. Para os candidatos do 2º ciclo e secundário, a prova realizou-se no dia 12 de Abril, e para os do 3º ciclo, no dia seguinte, na Escola Luso-Chinesa Técnico-Profissional.

Os estudantes estavam agrupados em equipas, apesar da prova ser individual. A classificação final resultava da soma dos pontos de cada membro de cada equipa. Como prémio individual, foi atribuído um troféu aos três primeiros classificados.

Em conversa com alguns participantes, pudemos perceber que, apesar da dificuldade, a experiência foi divertida e descobriram que ainda têm um longo caminho matemático, entenda-se, a percorrer e que este está repleto de surpresas.

Segundo a maior parte dos alunos, a prova realizada foi difícil e de quase impraticável resolução, para nós da EPM, já que os nossos currículos escolares são diferentes dos das escolas chinesas da RAEM, assim como o modelo e os métodos de ensino.

Apesar de tudo, sentimos que foi uma boa experiência, alertando-nos para as diversas formas que esta disciplina pode assumir, alargou os nossos horizontes e preparou-nos para novos e inesperados desafios.

Registamos os nomes dos alunos da EPM que participaram neste concurso:

2º Ciclo

Cátia Poon, Joana Cernadas, Jorge Santos, Matilde Vilela, Ana Correia, Mariana Garcia, Sofia Gomes, Sofia Furtado

3º Ciclo

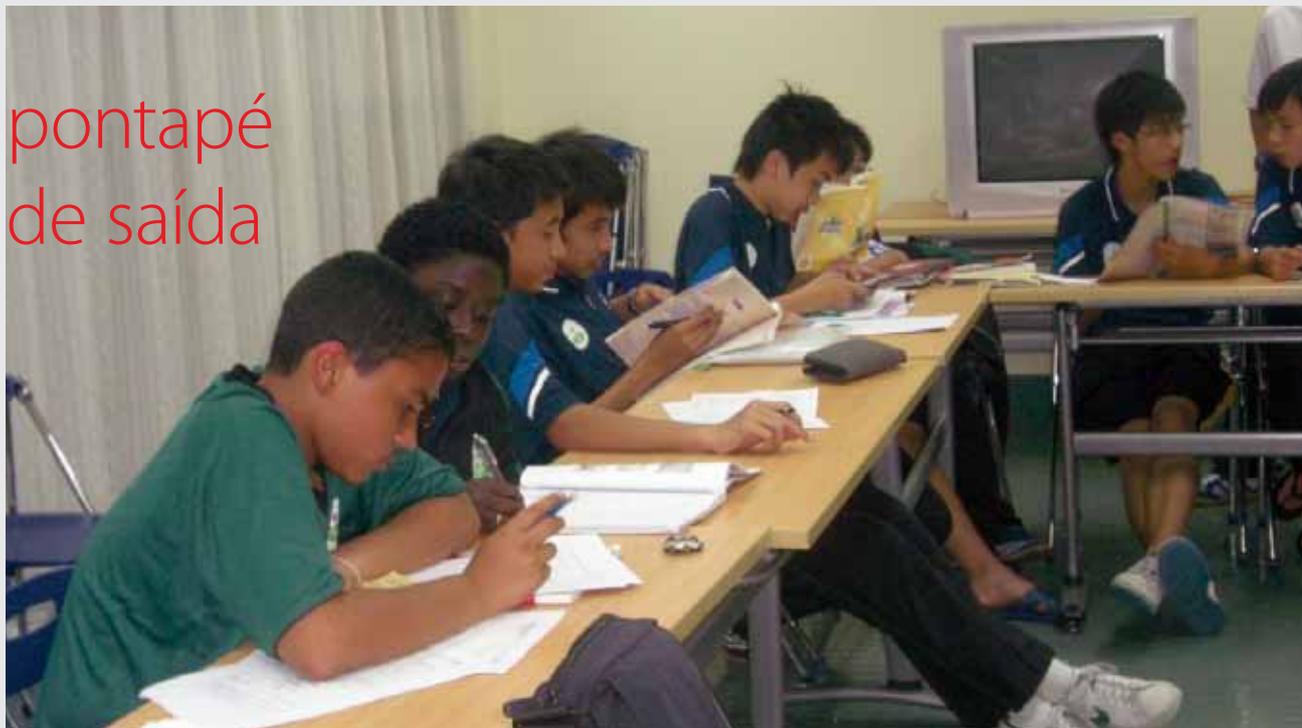
Esther Li, Graciliana Loureiro, Kenny Chen, Vanessa Agostinho, Dinis Assis, Joana Queirós, Patrícia Antunes, Tomás Mota, Andy Chen, Inês Santos, João Sio, Gabriela Pon

Secundário

Frederico Santos, Pedro Silva, Tomás McGuire, André Correia, Cíntia Chen, João Trigo, Carla Silva, Alexandre Alonso. ✨

Cíntia Chen e Inês Santos (T&M)

pontapé de saída



Uma comitiva do sector de futebol de Macau partiu para Beijing, no dia 20 de Abril de 2008, para participar nos jogos de cooperação com outros países. Esta visita prolongou-se até ao dia 28 de Abril, e serviu para aprofundar as relações entre as várias comunidades, assim como a troca de experiências.

Essa comitiva era composta pelo Sr. Rosa, treinador da Selecção da RAEM, e por vários alunos de diferentes escolas do território, designadamente, eu, da EPM, e outros colegas desta escola.

A acompanhar esta delegação, também se encontravam dois representantes da Associação de Futebol da RAEM, o Sr. Carlos e o Sr. Lei. Sendo o Sr. Carlos macaense desempenhou as funções de intérprete para os elementos que não dominavam a língua chinesa.

A viagem iniciou-se no aeroporto de Macau, com o encontro de todos os

elementos, pelas 9:30 horas, de onde, posteriormente, partiríamos para Beijing, às 12:00 horas. O encontro foi bastante agradável, pois estávamos todos equipados com o fato de treino da selecção da RAEM, o que serviu para nos identificarmos.

Às 12,00 horas levantámos voo e quando chegámos a Beijing, tínhamos lá um autocarro que nos transportou até ao centro de estágio. Durante aquele percurso, pude apreciar a beleza de Beijing, e creio que as fotografias que agora me passam diante dos olhos não são capazes de transmitir o que senti na altura. Quando chegámos ao centro de estágio, instalámo-nos nos quartos, ocupados por três pessoas. No meu quarto, ficaram dois outros colegas, o Jorge e o Sidney.

Os jogos começavam às 10:00 horas e terminavam pelas 13:00. Era bastante cansativo porque nos tínhamos que levantar relativamente cedo e os jogos iam rolando durante o dia, alternados

com as refeições que eram servidas no próprio centro de estágio. Os jogos foram efectuados com equipas de vários países, designadamente, a China, Japão, Taiwan, Mongólia, Coréia do Norte e Coreia do Sul, tendo a RAEM ganho o jogo contra a Mongólia, entre outros.

Foi bastante agradável porque durante os oito dias que permaneci na China, pude conviver com adolescentes de várias nacionalidades, tive oportunidade de conhecer Beijing e pude visitar alguns monumentos.

Regressei no dia 28 de Abril, muito contente por ter tido esta oportunidade, tendo ficado um pouco mais rico, pelo relacionamento não só com os colegas da minha equipa de futebol, mas também pelo contacto que tive com os elementos das várias equipas e pela experiência que me irá acompanhar para toda a vida. ✨

Miguel Martins (7ºB)

A onda que nos une

No dia nove de Abril deste ano, às dez da manhã, a escola parou e toda a gente, leia-se TODA a gente, que faz parte desta se dirigiu ao campo de futebol, onde foi tirada uma fotografia da escola inteira. A foto figuraria no livro que assinala a primeira década de vida da EPM.

Alunos, professores, funcionários, membros da direcção, sem uma única excepção, se juntavam para a primeira foto colectiva na história da nossa escola. Os primeiros e segundos ciclos ficaram nas bancadas enquanto os nonos anos e os alunos do secundário ficaram nos bancos, colocados ao pé das bancadas e à frente das balizas.

Algures no meio da multidão, alguém tem uma ideia. "Vamos fazer a onda?!" E fizemos. E a onda atravessou a escola inteira, formada pelas mãos daqueles que dela fazem parte.

E uniu-nos. ✨

Joana Santos (T&M)



Opinião vinda de fora A nova geração de Macau

Há cerca de um mês, tive o imenso prazer de me integrar no grupo *Dóci Papiçam di Macau*, na sua equipa de multimédia, e confesso que fazer parte desta equipa mudou o meu modo de olhar sobre Macau. Apesar de não ter feito parte da peça de teatro, despertou o macaense mais macaense que há em mim, o que me tem feito pensar “o que será de Macau daqui a uma década?”. Esta questão já tinha passado pela minha cabeça antes, mas nunca de um modo tão pertinente, e existem razões para tal.

Há precisamente um ano atrás, era eu aluno da Escola Portuguesa de Macau (EPM), com ideias de ficar em Macau para tirar o meu curso superior em Direito, na Universidade de Macau (UMAC). Na altura tinha uma pequena noção de como as coisas seriam diferentes, como o ritmo de estudo havia de mudar, como os colegas seriam diferentes, como os professores seriam diferentes, mas nunca pensei que pudesse olhar para os meus colegas mais novos de um modo também diferente.

Questionava, quando lia no jornal, notícias ou artigos sobre Macau, a sua comunidade e o seu futuro, e reflectia sobre como realmente seria a cidade dentro de dez anos. Questionava, sem contar com uma resposta. Naturalmente, pensava eu, isso estaria nas mãos dos mais velhos. E mantive essa concepção até, precisamente, ter participado no *Dóci Papiçam Di Macau*. Fez-me compreender que, apesar de muita coisa estar a ser feita por Macau neste preciso momento, tudo poderia cair em águas mortas se nós, “fillo-filo di Macau”, não procurarmos proteger a nossa terra que tanto dizemos amar, pois, afinal de contas, nós somos a nova geração de macaenses.

A próxima questão que poderá surgir na mente do leitor será “Mas porque te preocupas tanto, se a nova geração ama Macau?”, e devo dizer que essa era a razão pela qual ignorava o problema, e deixava-o passar ao lado, esperando que como que por milagre ele se resolvesse por si só. O facto de estar na UMAC, permitiu-me olhar para as coisas de um outro modo, pois, também eu, estava cego com as mesmas ideias. O cerne desta questão está no facto de mais de 50% das pessoas a quem pergunto se têm intenções de regressar para Macau depois de terem o canudo na mão me responderem “não”. E é isso que me aflige: apesar de dizermos (nós, nova geração de Macau) que amamos Macau, não temos intenções de regressar a esta terra, porque existem coisas mais interessantes lá fora que não estão dentro deste pequeno quadrado, ou porque não existem condições para nós regressarmos.

É então que poderá surgir a ideia de que eu gostaria que toda a gente tirasse aqui o curso. Não, não é essa a minha ideia, pois estou bem ciente de que nem todos os cursos estão disponíveis aqui em Macau. No entanto, nada me impede de desejar que as pessoas regressassem a Macau. Se virmos bem, o sonho de criar a “Asian Las Vegas” está a poucos passos de ser concretizado e, acompanhando esse sonho, também uma indústria do jogo cada mais proeminente, não deixando lugar, aparentemente, para nós macaenses que não estudamos cursos directamente ligados à indústria do jogo.

Pensamos, naturalmente, que não existem chances para nos enraizarmos aqui e trazer uma próxima geração de macaenses para Macau. Evidentemente, tudo permanecerá imutável, se nós, macaenses que queremos voltar, não batermos o pé.

É pois necessário que nós façamos algo para que Macau, como cidade, se adapte a nós. É necessário que lutemos pelo lugar que merecemos em Macau. É necessário que Macau sinta a nossa presença, da mesma maneira que se sente a presença do Português (ainda que esta presença seja, cada vez mais, diminuta). Temos de acabar com o preconceito de que nós apenas podemos responder e agir de acordo com as oportunidades existentes no território. Macau, no modo como existe neste momento, está longe de poder ter todos os seus pilares fixos, por estarmos numa fase de (re)adaptação. Nós temos que lutar por essas oportunidades, pois caso não o fizermos, essas oportunidades não serão sequer criadas ou, pior, pensadas.

É assim que apelo a todos os meus colegas, os que ficam e os que vão, que pensem nesse meu desabafo, que se debrucem, um minuto que seja, sobre este assunto que, para mim, é tão pertinente como discutir sobre o futuro da nossa cultura. Não cabe apenas aos mais velhos esperar que todos os seus feitos tenham o resultado que esperam. Cabe também a nós, nova geração de macaenses, apanhar as poucas oportunidades que existem e lutarmos para que outras sejam criadas para outros colegas e para futuras gerações. Parece-me que este projecto não é um projecto que um indivíduo sozinho possa concretizar. É um projecto para ser concretizado em conjunto. ✨

Frutaholics!

No passado mês de Abril, a nossa escola foi incentivada pela DSEJ a participar numa iniciativa a que várias outras escolas de Macau aderiram: o Dia da Fruta.

O principal objectivo foi promover o consumo de fruta diariamente. Como todos sabemos, as frutas são alimentos cheios de vitaminas que podem contribuir para melhorar a saúde. Estudos feitos na América do Norte provaram que crianças que consomem bananas têm tendência a terem mais sucesso na vida escolar.

Os alunos puderam aproveitar e saborear as diversas frutas oferecidas pela escola. Uma enorme onda de alegria atingiu a maioria dos alunos, especialmente os do 1º ciclo.

Em suma, foi um dia saudável e nutritivo. E se, como diz o ditado, "An apple a day keeps the doctor away", então, comamos fruta!

Daniela Guerreiro e Natacha Barreto (T&M)



Missão: professor

O sonho do Oriente era algo distante, mas constante, algo que carreguei ao longo da existência, era o sonho da descoberta de outra cultura, de outros ambientes, de outras experiências.

Foi com esse sonho tatuado que cheguei a Macau para ser professora da Escola Portuguesa de Macau. Os primeiros meses, de descoberta dos cheiros, dos sabores, da vida e das crianças, alimentaram esse sonho de um mundo diferente e possível.

A EPM deu-me tudo o que precisava, deu-me todo o seu carinho, o seu apoio e as crianças deram-me o melhor que se pode dar a alguém: o Amor. Com elas e com a EPM aprendi a ver o mundo do ensino como o veículo fundamental da educação para o amor, para a solidariedade, para aceitar a diferença dos outros. Deparei-me com o rigor e entrega que este trabalho exige, nunca baixando os braços às contrariedades e às diferenças existentes.

Para mim, a EPM é também uma escola onde aprendo todos os dias, com os alunos, com os meus colegas, com os novos desafios que continuamente vão pondo à prova o meu sonho. O sonho de uma escola cheia de alegria, de sonhos e de vontade de aprender.

Há pouco perguntavam-me qual era a diferença entre a EPM e as outras escolas da RAEM. Pergunta à qual respondi: a riqueza linguística, a riqueza cultural que o nosso país tem e que é preciso e urgente transmitir aos nossos alunos, para que

também eles consigam sentir o orgulho de pertencer a uma terra, a um sítio. Portugal e Macau são dois mundo imensos, que é preciso desvendar e cultivar. É essa a minha missão, muitas vezes quase impossível, mas é ela que me dá força, esta vontade de ensinar a cultura e esta língua que é tão importante no Mundo.

A junção das duas culturas e o paralelismo que temos de fazer a cada passo que damos, é a aposta no futuro da era da globalização. O reconhecimento das várias línguas faladas no território, a participação em actividades organizadas pela comunidade, tudo isso faz parte da vida desta escola e da vida de um professor. É isso que mantém viva a Escola, os alunos e professores. Por isso nunca me senti tão viva como na Escola Portuguesa de Macau. Nela não ensinamos apenas, entregamo-nos completamente, vivemos intensamente cada momento para que nunca apaguemos da memória os risos, os desabaços, as conversas, as alegrias, as tristezas, os entusiasmos... Para que todos os dias seja bom ir para a escola e aí ensinar e aprender... Pequenos, grandes, não interessa... porque um sorriso, um brilho no olhar são suficientes para os nossos corações se encherem de alegria e darem continuidade a este sonho que é ensinar... ✨

Cátia Silva (professora do 1º ciclo)

U.E. em discussão

A 16 de Abril, no auditório da EPM, as turmas do 10º, 11º e 12ºanos reuniram-se para assistir a uma apresentação sobre a formação da União Europeia e seus desafios actuais, preparada pelo Dr. Sales Marques, presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau.

Esta sessão teve como objectivo chamar a atenção dos alunos para um tema actual como a União Europeia, estudada pelas áreas de Humanidades e Economia, mas também para ajudar os jovens deputados que iriam representar a EPM no Parlamento dos Jovens, em Lisboa, onde debateriam

o tema "A União Europeia: participação, desafios e oportunidades".

A sessão teve início com um resumo da história da formação da União Europeia, apresentada em slide show, tendo-se seguido uma fase de apresentação de dúvidas pelos alunos e pelos jovens deputados, na medida em que pretendiam esclarecer e aprofundar os temas que as suas medidas, propostas ao Parlamento dos Jovens, abrangiam.

No final da sessão, os jovens deputados ficaram mais esclarecidos e preparados para a sessão parlamentar, em Lisboa, que iriam enfrentar nos dias 28 e 29 de Abril. ✨



Catarina Ferreira (12º A)

No âmbito da disciplina de Área de Projecto, no passado dia 17 de Abril, os alunos do 12ºA, da área de Ciências e Tecnologias, visitaram o Laboratório de Ciências Forenses, da Polícia Judiciária, situado no Cotai.

Esta visita de estudo tinha como objectivo a fundamentação e consolidação de conhecimentos para o trabalho desenvolvido por este grupo no âmbito da disciplina em questão. O tema tratado pelo grupo é: "A criminologia: em geral e em Macau".

Na chegada ao Laboratório, os alunos, que se fizeram acompanhar pelo professor da disciplina, professor Manuel Machado, foram extremamente bem recebidos, tendo à sua espera um guia que falava Português. No início da visita foi distribuída informação sobre o funcionamento do Laboratório, com a respectiva divisão em diferentes áreas. Durante a deslocação por estas áreas distintas do Laboratório, foram apresentadas todas as técnicas a que são submetidas as provas levantadas em locais de crime, os processos utilizados para análise das mesmas, as máquinas com que os investigadores trabalham nos processos de investigação e houve lugar ao esclarecimento de algumas dúvidas expostas pelos alunos. No final da visita, foi feita uma curta entrevista ao Director deste departamento da PJ, que funcionaria como um suporte para o trabalho em causa e tiraram-se as fotografias da praxe, para mais tarde recordar esta visita ao CSI local. ✨

Catarina Ferreira (12º A)

lições de criminologia



Falar de ambiente

Dia 8 de Maio, às duas horas da tarde assistiu-se, no auditório, a uma pequena palestra proferida pelo engenheiro Oliveira Paulo, acerca do problema da utilização das fontes de energia não renováveis e onde também foram mencionadas as energias alternativas.

À sessão assistiram os alunos do 8º, 9º e algumas turmas do secundário, às quais o assunto dizia respeito. Também foram mencionados alguns problemas decorrentes das energias alternativas; ao mesmo tempo, o engenheiro orientava os "deputados" do secundário da escola que se preparavam para representar a escola no Parlamento dos Jovens, em Lisboa, onde o tema iria ser amplamente discutido pelos jovens de escolas secundárias de Portugal, bem como da Europa (com ensino em Português) e de Macau (a EPM). ✨



Tiago Terra (T&M)

Tempus & Modus completa dez anos. Na edição número trinta deste jornal recordamos uma década de publicações...

muitos anos de vida

Neste parágrafo, é suposto eu escrever o que é para mim fazer parte desta redacção. Muitos dos alunos olham para o nome do clube e pensam logo "que seca, só escrever...". Mas é talvez porque estes não entendem que há muito mais escondido por detrás de cerca de vinte páginas de jornal, que há muito mais por detrás das letras e dos artigos e das fotografias.

Há o prazer de escrever todos esses artigos e tirar todas essas fotografias, sem dúvida.

E chegando ao fim do período é sempre aquele orgulho em dizer *estes são os artigos que eu assinei*.

Há também aquele grupo de colegas que, hoje, são muito mais do que meros conhecidos com quem compartilhamos o computador ou o sofá da biblioteca às sextas feiras das quatro às cinco da tarde. Hoje, esses colegas são amigos. E somos um clube fantástico. Não há palavras, acreditem.

Joana Santos (T&M)

Este ano foi o meu primeiro ano no jornalismo, e foi um ano em que colaborei com muito orgulho neste jornal da EPM.

Foi uma experiência muito boa e que vai ficar para sempre na minha memória, pois passei momentos muito bons com todo o grupo que participa na realização deste jornal e com o qual pude, também, aprender alguma coisa sobre como se faz um jornal. Gosto muito de fazer parte do clube do Tempus & Modus e espero nunca me esquecer de tudo aquilo que aconteceu durante todo o ano. Agradeço também à professora Teresa Sequeira pela ajuda que sempre nos deu e espero que continue com o clube de jornalismo e que tenham muito sucesso.

Beatriz Machado (T&M)

Estar no Clube de Jornalismo, mais do que ser "jornalista" e ter de escrever textos, é deixar na memória momentos únicos e que jamais voltarão a acontecer, é deixar um testemunho da história da escola e dos momentos felizes e inesquecíveis por que passámos.

Somos um grupo de convívio, sobretudo: trocamos ideias, divertimo-nos e tentamos ser originais.

Estes dois anos em que contribuí para o jornal foram óptimos, aprendi imenso e passei por coisas que jamais irei esquecer. Acho que devo uma grande parte disso à professora Teresa, a quem agradeço muito!

Inês Santos (T&M)

Apesar da minha experiência jornalística não passar mais de meio ano, eu sinto que tirei grande aproveitamento desta actividade. Redigi textos, presenciei eventos de interesse geral, participei na construção do Jornal da EPM e aprendi que o trabalho bem feito resulta apenas da existência de uma cooperação fantástica entre os jornalistas.

Cíntia Chen (T&M)

Ao longo dos três anos em que andei no jornalismo, diverti-me imenso a fazer uma das coisas de que mais gosto: escrever!

Ri-me a escrever piadas nos textos mais sérios, que mais tarde eram retiradas (por razões compreensíveis) e ganhei alguma experiência ao trabalhar neste núcleo (especialmente quando fiz entrevistas e críticas); entre tantas outras coisas. Ah! E pensar em ideias geniais para o S. Valentim e depois concretizá-las? foi algo que deu trabalho mas valeu mesmo a pena.

Em suma, foram três anos bastante interessantes!

Natasha Barreto (T&M)

Trabalhar no T&M para mim foi uma grande honra. Colaboramos todos muito bem (mas também é verdade que temos uma equipa e professora espectaculares!). De facto sinto uma enorme alegria ao ver um artigo no jornal com o meu nome assinado por baixo, algo que é lido pela escola inteira. Fiquei tão satisfeito que as minhas intenções são de ficar no jornal até ao final do 12º ano.

Tiago Terra (T&M)

capas da
primeira
publicação
de cada
ano lectivo





Uxu Kalhos

O s Uxu Kalhos, um grupo português, veio à nossa escola no dia 22 de Maio. Vieram fazer um “workshop” no ginásio da EPM, ensinaram danças e tocaram músicas tradicionais de várias regiões de Portugal.

Este grupo era constituído por seis elementos, a dançarina, Iso; a vocalista e concertinista; o baterista; o guitarrista; o baixista e outro que toca uma espécie de flauta. A dançarina, Iso, era francesa. Parecia ter prazer de dançar e ensinar essas danças.

As danças são tradicionais mas as músicas que tocavam eram modificadas por eles, isto é, “modernizavam-nas” tocando-as com instrumentos mais modernos e por isso mais apelativos para nós.

Dançámos até fartar! ✨

Marta McGuire, 7ªA

Reflexions on...

(excerpts of students' reviews)

I agree when people say that “On the road” is a journey of self-discovery, because there are many young adults who decide to travel before going to college. They do that in order to have an opportunity to explore the world they live in. That’s what happens in this book – Sal Paradise and his friends leave their homes to go around America and discover new faces to their lives. (...) We ought to know there is so much in our world to explore, that our lives won’t be worth anything without a journey of self-discovery...Most of us are pretty naïve when we enter adulthood; we have what I would call a shallow perception of life, as most of us don’t really know what is like to be independent and face this world alone. (...)

Mariana Fonseca – 11ªA

“On the road” recreates a very common situation, the need to escape from your tedious life, from reality, taking a break, running away to another place, enjoying life as it should be – free, without barriers...

When Sal Paradise goes on a trip to the west, it really is the best thing he has ever done; he finally was doing something he had always dreamed of, discovering new people, places, ways of living. All his small adventures contributed to enrich himself, providing him with a kind of knowledge many miss (...) It’s in our nature to question things, to give them meaning and to find a purpose to our existence. (...)

Sara Santos – 11ªA

Dean Moriarty is one of the main characters of “On the road”.

“On the road” was written by Jack Kerouac in 1951 based on his real life and of his friends, for the matter. Dean represents his friend Neil Cassady, who had a quite troubled life, having been raised by his alcoholic father, facing prison in 1958, travelling from place to place and marrying and divorcing all the time. (...) He is an interesting character, mysterious and inconstant – I personally

think that’s the reason he fascinates people, starting with Sal.

Being next to a person like him is like having trouble and fear mixed with adrenaline and excitement all the time. Every single day of his life is a different adventure and that’s what makes it exciting. (...) Everyone likes a little bit of craziness in their lives but there are limits and boundaries.

Dean Moriarty goes way past those limits, which makes it unbearable.

Joana Chantre – 11ªA

I think that the characters of this story don’t have a notion of the existence of a clear and strict line that separates right from wrong. (...) I believe that they aren’t bad people that want to hurt others and do bad things; they simply are selfish people who act according to their needs, their search for happiness, their goals for satisfaction, pleasure and self-fulfilment. I think that they, particularly Dean, lack any sense

Jazzafari

por: Marta McGuire (7ªA)



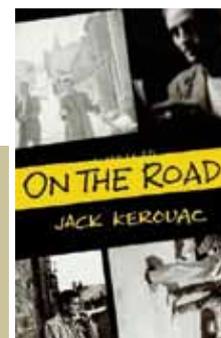
Jazzafari é um grupo musical que toca temas de Jazz tradicional. Este grupo é constituído por quatro elementos: João Mendes, o vocalista; Rui Pereira, o baterista; João Hasselberg, o contrabaixista e Spyridon, o pianista. Têm nacionalidades diferentes, mas são todos europeus: o vocalista

e o baterista são portugueses, o contrabaixista é holandês e o pianista é grego.

No dia 24 de Abril tivemos uma visita deste grupo no auditório da nossa escola. Falaram sobre o seu grupo, apresentaram-se e tocaram-nos algumas das suas músicas como "Bye Bye Black Bird".

No dia 26 de Abril deram um concerto no Teatro D. Pedro V, organizado pela Casa de Portugal em Macau. Tocaram mais canções, umas em Português e outras em Inglês. No final do concerto, seis alunos da Escola Portuguesa foram entregar flores e uma lembrança de Macau aos artistas. ✨

ON THE ROAD by Jack Kerouac



of responsibility and are the product of individualism and materialism, which were part of the modern world and culture even before their birth. (...)

Adriano Agostinho – 11ªA

(...) Every human being is a complex mixture of feelings, dreams, needs, obligations and much more, so when the urge comes to find out what your 'mixture' is made of, you feel compelled to do whatever you can to get your answer. Sometimes people find it hard to get their answer without going away. (...) "On the road", even though it was written over fifty years ago, shows us what some people are able to do when all they want is to find some meaning in their lives. Some start searching without realising that's what they're doing, others search all their life without being able to find anything and then there are some lucky ones who do get their answers. (...)

Marisa Ferreira – 11ªA

(...) "On the road is a journey that two people take on so that they can find if there is more to life than just the same old stuff – going to college, marry, have kids..."

In this journey both of them fall in love, make new friends, learn new ways of living, but most of all, they try to find themselves.

My favourite character is, with no doubt, Dean Moriarty. He is such a complex human being, he is wild, sometimes crazy, he loves too much, but underneath all that wilderness he is simply lost. (...) Sal, on the other hand, isn't as wild as Dean; he likes being attached to something but also having his own space. Sal really loves Dean. He knows about Dean's craziness and his '*not being around when things get rough*' but Sal knows that Dean always means well, they're brothers for life. (...)

Rita Soares – 11ªA

(...) When the characters of this story decided to go on a road trip, they did it

because they wanted to get away from where they lived and see the world, experience, discover...

By hitchhiking across the United States and crossing paths with new people, different ways of thinking and living, they not only discover things about the people they know, but also about themselves. (...) By learning more about themselves we notice, while some go forward and evolve as human beings, others cannot change and fall into old habits, like Dean. (...)

Ana Margarida – 11ªC

(...) I think that the travelling and experiencing new and unexpected things is what marks the most of discovering who they are themselves, because, not only do they try out things they never expected, but also find themselves loving and cherishing every single moment of it, not knowing what might come next.

Ines Santos – 11ªB

A Cidade de Muoia Nell'Aria

Bem-vindo à Cidade de Muoia Nell'Aria, uma terra repleta de paisagens magníficas que são constantemente arruinadas pelos habitantes. Se estiverem curiosos acerca do nome da cidade, "Muoia Nell'Aria" significa morrer afinado em italiano. A população está sempre a aumentar, por isso não poderei dar um número exacto, mas poderei dizer que esta se divide em três grupos (apesar de alguns considerarem a rebelião o quarto grupo): os históricos; os assassinos; e as testemunhas.

Os históricos são pessoas que se aproveitam das outras e que não vivem sem a atenção. Chamam-se históricos, pois querem sempre causar algum drama e o histerismo é uma maneira de provocar esse drama. A razão de viver dos históricos é serem o centro das atenções, sempre que possível. Eles alcançam isto metendo-se em escândalos. Dentro deste grupo podemos encontrar os corruptos e os materialistas, os vilões da sociedade.

Para contrastar com os históricos, temos os assassinos. Estes, ao contrário dos mencionados anteriormente, trabalham muito e esforçam-se por alcançar sucesso. Chamam-se assassinos, porque eles são os únicos que podem por um fim à acção dos históricos, ou seja "matá-los". Eles não necessitam da atenção e da fama, por oposição aos históricos. São estes que também conseguem controlar a situação da cidade, evitando ou causando guerras, resolvendo questões judiciais e também crises.

Por fim, temos as testemunhas, os "ninguém" da população. São a sociedade alienada. Acreditam em tudo o que vêem e ouvem. Vivem à parte do resto da população e são quase sempre ignorantes perante aquilo que acontece na sua cidade. São chamadas as testemunhas, pois limitam-se a testemunhar aos eventos da cidade e não fazem nada para mudar a situação desta.

Mas nem todos estão contentes com este estado de coisas. Alguns assassinos, testemunhas e, às vezes, alguns históricos, decidem ir contra tudo. Eles formam a rebelião. Eles são a minoria, mas são os únicos que podem fazer uma diferença no mundo.

Quanto às construções e à arquitectura, esta cidade é bastante futurística, cheia de máquinas automáticas que nos ajudam nas nossas tarefas do dia-a-dia, mas preserva a sua história, com monumentos e construções mais antigas. Infelizmente, devido às intermináveis construções de novas infra-estruturas, a população está a cometer crimes contra a Mãe Natureza como a desflorestação.

Bem-vindo à Cidade Muoia Nell'Aria, bem-vindo à metáfora do nosso mundo. Espero que tenha uma estadia agradável e não se esqueça de comprar lembranças antes de partir.

Natacha Barreto (T&M)

Um conselho

Sempre que preciso de escrever um texto, deixo arrastar o tempo e só no fim do limite é que me lembro que tenho de o fazer.

Olho para o ecrã do computador, em branco, e ouço:

"Não tenhas medo, escreve, escreve desalmadamente, escreve como se não houvesse amanhã. Escreve com toda a fúria, toda a sabedoria, toda a tristeza e toda a alegria que tens em ti. Estou preparado para tudo. Escreve páginas e páginas de contos, de romances, de tudo o que quiseres! Mas, por favor, não me deixes em branco! Peço-te mais do que tudo, até porque vais ter de escrever qualquer coisa, portanto, mãos ao trabalho! Mas cuidado! Não quero nada de coisas mediócras: quero textos de uma futura escritora, quero textos com emoção, com sentimento, que possam transmitir claramente o que pretendes. Quero textos com frases bonitas porque, na minha opinião, escrever bem não é para todos, pois não é qualquer um que tem o dom de dar vida a um papel com frases belas. Escrever é uma arte. É talvez, a única maneira de conseguirmos ser tudo o que quisermos, de sermos aquilo que nunca vamos ser, de alcançar o nunca antes alcançado, enfim, de fazer o impossível. Portanto, não desperdices essa tua imaginação, que tantos outros não têm, que tantos outros desperdiçam, que tantos outros davam tudo por ter tão fértil e que, com o que vês, com o que fazes, com o que se passa à tua volta, vai mudando, vai ficando mais maduro, vai-se transformando.

Ah! E mais uma coisa, não te esqueças dos pontos, das vírgulas, dos parágrafos... É que nem sempre te posso ajudar, portanto, põe em acção o que aprendeste nas aulas de Língua Portuguesa.

Não penses que te estou a dar um sermão! Só quero que esse teu grande sonho, o de contribuíres para uma diferença no mundo através de palavras, frases e textos bem estruturados, o consigas alcançar, e que sejas livre de espírito, de acção, de movimento e, acima de tudo, de pensamento."

Eu, já sem paciência, desligo o computador e vou-me embora.

Mariana Amorim, 8ºB

TIC-TAC

Pegado ao tecto da escola
redondo como uma bola
é um círculo perfeito
como uma bala no peito:
tic-tac
tic-tac

Meia circunferência
e outra meia
com muita paciência
uma lua bem cheia:
tic-tac
tic-tac

O seu toque p'ro recreio
e que eu não receio
é um toque sagrado
muito bem cantado:
tic-tac
tic-tac

Os ponteiros pontiagudos
até as horas magoam
como acentos agudos
que em cima das letras voam:
tic-tac
tic-tac

Relógio, relógio
canta, eu te quero ouvir
não estou para aturar
as formas do verbo ir:
tic-tac
tic-tac
tic-tac

Marta McGuire, 7ªA

“Não papá!”

Era uma noite de sábado. As nuvens estavam escuras e saturadas, a chuva ameaçava como uma fera. Ela aconchegou-se às suas almofadas favoritas, apertando-as com toda a força que possuía nas suas mãozinhas, fininhas e minúsculas, recheadas de covinhas. Apesar de já ter onze anos, aquelas malditas não desapareciam.

Seus olhos avelã fixavam a janela do quarto, com uma intensidade assustadora. Aquelas nuvens pareciam representar o seu estado de espírito, que coincidência. Levantou-se do seu “pouf” cor-de-rosa, e fitou novamente o vidro. Já uns chuviscos derramavam pela superfície transparente, e sem controlo sobre si própria, fez companhia ao chuvisco.

Passou as mãos pelo rosto, roçando-as sobre a sua pele molhada. Apesar de estar triste, “comme d’habitude”, aquele silêncio de nuvens e chuva trazia-lhe paz. Sentou-se novamente, e esperou a sua desgraça. Sabia que a hora se aproximava, o relógio não perdia tempo em se adiantar, “tic, toc, tic, toc”... Como se os ponteiros do relógio marcassem o seu ritmo cardíaco. E então aconteceu...

A porta de casa bateu, num estrondo. Um grande alarido soou na sala de estar, como se o diabo a tivesse vindo visitar. Agarrou novamente as almofadas, e desejou com todas as suas forças que hoje não fosse um daqueles dias, um dia “não”.

Passos molhados aproximaram-se da porta do seu pequeno lar. O seu coração batia cada vez mais depressa, tal como os ponteiros do relógio. Fechou os olhos, e sonhou.

“Que estás a fazer aqui no quarto minha incompetente?”

Pronto tinha começado, o diabo desbobinava o seu discurso, como em todas as santas noites.

“Estou a descansar papá...não te enerves, por favor...”

Ele encarou-a com raiva, como se ela o provocasse com um ar irónico.

“És mesmo uma aberração. Não deverias estar na cozinha a fazer o jantar com a tua mãe? Não é para isso que vocês mulheres servem?”

Os seus discursos machistas já eram banais. Não era essa parte que mais a magoava, que mais a feria como um chicote.

“Mas papá, a mamã disse que não precisava da minha ajuda...eu perguntei.”

“O que é que a tua mãe sabe da vida? Tal mãe tal filha, não merecem o que faço por vocês. Estou farto desta mísera vida, rodeado de incompetentes, burras e feias mulheres.”

“Não papá, por favor, não...”

Aí soube logo o que iria acontecer. Em troca da sua “insolência”, recebeu um par de bofetadas que a deixaram acanhada no chão gelado do quarto. A mãe ouviu a tarefa, mas não se mexeu. A próxima seria ela, sem sombra de dúvida. O diabo morava naquela casa, e ela estava atada de mãos e pés.

A violência doméstica é uma realidade. É uma terrível guerra, que ao longo dos tempos se tem vindo a vencer.

Em Portugal, os crimes associados à violência doméstica aumentaram 30% em 2006, num total de mais de 17 mil casos. De acordo com os dados constantes no relatório de segurança interna, houve mais 3287 crimes do que no ano anterior, o que corresponde a mais de nove queixas por dia.

É uma realidade que terá que ser apagada, uma realidade que revela a desumanidade que reside no nosso planeta. Temos que nos unir nesta luta longa e dura, “a união faz a força”.

Ana Duarte (T&M)

